

A FIGURA DO HERÓI: RITOS DE INICIAÇÃO, MITO E CONTO MARAVILHOSO

THE HERO CHARACTER: INITIATION RITES, MYTH AND FOLKTALE

Giuliane Moreira **GONÇALVES**¹

Resumo: O Herói é figura corriqueira em todos os tipos narrativos. Assim, este estudo tem por objetivo propor uma visão comparativa entre a figura do herói nos mitos e nos contos maravilhosos, além de tratar da presença dos ritos de iniciação na narrativa fantástica. Propõe-se, também, alisar quais elementos referentes aos protagonistas dessas narrativas permaneceram na figura do herói contemporâneo e sua história. Para isso, utilizamos como aporte teórico os livros *Morfologia do Conto Maravilhoso* (PROPP, 2001), *O Herói de Mil Faces* (CAMPBELL, 1997) e *Ritos de Iniciação e Sociedades Secretas* (ELIADE, 2004), além do romance contemporâneo *Os Magos* (GROSSMAN, 2011). Através destes textos, propõe-se uma visão da figura do herói fantástico com base em seus predecessores mitológicos e do conto maravilhoso, relacionando elementos dos ritos de iniciação na construção dessas narrativas.

Palavras-chave: herói, mito, conto maravilhoso, ritos de iniciação, literatura fantástica.

Abstract: The Hero is a frequent figure in all kinds of narrative. Thus, this research aims to propose a comparative view between de hero in myths and folktales, besides talking about the presence of initiation rites in the fantastic narrative. It is proposed, as well, an analysis of which hero referred elements of these narratives are still present in the contemporary hero and his story. For this reason, books such as *Morfologia do Conto Maravilhoso* (PROPP, 2001), *O Herói de Mil Faces* (CAMPBELL, 1997) and *Ritos de Iniciação e Sociedades Secretas* (ELIADE, 2004), plus the contemporary novel *Os Magos* (GROSSMAN, 2011) were studied. Through these texts, it is proposed a new look over the figure of the fantastic hero, considering his mythological and folktale ancestors, relating to the initiation rites elements in the construction of these narratives.

Key-words: hero, myth, folktale, initiation rites, fantastic literature.

Introdução

O papel do herói é primordial em qualquer narrativa. Desde o mito até as narrativas atuais, ele tem papel principal na história contada e apresenta características específicas que o identificam. Este estudo propõe uma comparação da figura do herói na narrativa mitológica e no conto

¹ Graduanda do Curso de Letras/Inglês da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Esse artigo é resultado do projeto de iniciação científica (PIC), sem bolsa, desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação do professor Fábio Pieroni. Endereço eletrônico: giumoreira2@gmail.com.

maravilhoso, mostrando as alterações ocorridas ao personagem ao longo dos anos – desde o herói mitológico até o herói do conto maravilhoso –, além de abordar a noção de rituais de iniciação, elemento que é também constituinte da trajetória do herói. Além disso, este trabalho busca relacionar as características de cada tipo de herói com Quentin, um herói contemporâneo criado por Grossman (2011) em seu livro *Os Magos*, mostrando também os tipos de ritos de iniciação pelos quais o herói é submetido.

Este estudo tem por referencial os teóricos Campbell (1997) e Propp (2001) para tratar da figura do herói – o primeiro aborda características específicas do herói mitológico; o segundo, do herói do conto maravilhoso. Em seus livros *O Herói de Mil Faces* (CAMPBELL, 1997) e *Morfologia do Conto Maravilhoso* (PROPP, 2001), os autores elencam uma série de elementos que constituem a figura heroica na narrativa e suas implicações no decorrer da ação. O primeiro propõe uma abordagem psicológica do herói e, assim, do próprio mito e suas funções sociais. Já Propp, ao propor – como o título de seu livro já indica – um estudo morfológico do conto, elenca uma série de funções recorrentes no conto maravilhoso e, entre elas, encontramos as características específicas do herói destas narrativas.

Os ritos de iniciação enfrentados pelo herói, por sua vez, tem como base teórica *Ritos de Iniciação e Sociedades Secretas*, de Mircea Eliade (2004). Neste trabalho, o autor foca seus estudos nos ritos de iniciação nas mais diversas sociedades do mundo, além dos temas iniciáticos que permeiam estes rituais. Ele defende, então, a relação entre as crenças e desejos inconscientes dos indivíduos e a permanência dos ritos nas sociedades modernas.

Já *Os Magos* (GROSSMAN, 2011) é uma narrativa fantástica contemporânea que conta a história de Quentin, um jovem estudante em seu último ano do ensino regular que é levado a uma universidade de magia. Lá, ele realiza uma série de testes e passa a estudar em Brakebills, uma faculdade de magia, onde constrói amizades, aprende sobre magia e sobre a vida. Após a universidade, o herói descobre a existência de um mundo mágico descrito em uma série de livros infantis: Fillory. Juntamente com seus amigos, ele parte em busca de aventuras nesta terra mágica para, por fim, tornar-se um rei mago deste universo.

O livro é o primeiro volume de uma trilogia criada por Lev Grossman, doutor em literatura comparada por Yale e jornalista e crítico de literatura da revista Time. Seguido pelos títulos *O Rei Mago* (GROSSMAN, 2012) e *The Magician's Land* (GROSSMAN, 2014) – ainda não traduzido para o português –, *Os Magos* (GROSSMAN, 2011) é a história de um herói na busca por sua identidade e por um significado para sua vida, algo que complete seu vazio interior – inicialmente desconhecido ao herói.

Dito isto, passemos, então, às características do herói das mitologias para, depois, abordar as características do herói do conto maravilhoso. As principais características dos ritos de iniciação serão abordadas em seguida para, por fim, estabelecer relações da figura do herói nos dois contextos e os ritos de iniciação pelos quais ele pode passar com Quentin e sua história em *Os Magos* (GROSSMAN, 2011).

O herói mitológico

Ao tratar do herói mitológico, utilizaremos o livro *O Herói de mil faces* (CAMPBELL, 1997). Em seu livro, Campbell trata da figura do herói nas diferentes mitologias, associando as características primárias do mito com estudos da psicanálise referentes ao sonho e à mente humana, determinando, também, uma série de elementos referentes a estes heróis.

Inicialmente, o autor afirma que “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás” (CAMPBELL, 1997, p. 9).

Além disso, Campbell (1997) trata da mitologia como uma narrativa que aborda problemas e soluções válidas para toda a humanidade, ou seja, a trajetória do herói, com seus problemas e vitórias, são símbolos do que é vivido pela sociedade, e os ensinamentos são também referentes a ela. As histórias, por sua vez, são irreais, inventadas com o intuito de simbolizar algo social.

Ao falar do herói, Campbell (1997) afirma que este é um “homem de submissão autoconquistada” (p. 12) e os poderes divinos sempre estiveram em seu coração, sua condição heroica é algo já predestinado (p. 168). Ele representa o “homem eterno aperfeiçoado, não específico e universal” (CAMPBELL, 1997, p. 13).

O herói composto do monomito é uma personagem dotada de dons excepcionais. Frequentemente honrado pela sociedade de que faz parte, também costuma não receber reconhecimento ou ser objeto de desdém. Ele e/ou o mundo em que se encontra sofrem de uma deficiência simbólica. (CAMPBELL, 1997, p.21)

Ele afirma que o percurso padrão da aventura mitológica do herói é representado pela unidade nuclear do monomito “separação-iniciação-retorno” (CAMPBELL, 1997, p. 17) e que, ao final de sua aventura, o herói vence suas limitações e atinge formas renovadas (p. 13).

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 1997, p.18)

Campbell (1997) propõe, então, uma generalização quanto à caminhada do herói. Este passa por estágios como *O chamado da aventura*, *A recusa do chamado*, *O auxílio sobrenatural*, *A passagem pelo primeiro limiar*, *O caminho de provas*, *O encontro com a deusa*, *A apoteose*, *A bênção última*, *A recusa do retorno*, *A fuga mágica*, *O resgate com auxílio externo*, *A passagem pelo limiar do retorno*, *Senhor dos dois mundos*, *Liberdade para viver*, entre outros. Além disso, ele trata também das transformações do herói – *Herói primordial e herói humano*, *A infância do herói humano*, *O herói como guerreiro, como amante, como imperador e tirano, como redentor do mundo, como santo*, *A partida do herói*.

Ao longo de seu caminho, o herói sofre diversas transformações, seja no conflito com o guardião do primeiro limiar, por exemplo, ou durante suas provações, ele passa por um momento de purificação do eu e de descobertas sobre si (CAMPBELL, 1997).

A aventura do herói pode ser resumida no seguinte diagrama: [...] O herói mitológico, saindo de sua cabana ou castelo cotidianos, é atraído, levado ou se dirige voluntariamente para o limiar da aventura. Ali, encontra uma presença sombria que guarda a passagem. O herói pode derrotar essa força, assim como pode fazer um acordo com ela, e penetrar com vida no reino das trevas (batalha com o irmão, batalha com o dragão; oferenda, encantamento); pode, da mesma maneira, ser morto pelo oponente e descer morto (desmembramento, crucifixão). Além do limiar, então, o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas, algumas das quais o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem uma ajuda mágica (auxiliares). Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado), pelo reconhecimento por parte do pai-criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose) ou, mais uma vez se as forças se tiverem mantido hostis a ele -, pelo roubo, por parte do herói, da bênção que ele foi buscar (rpto da noiva, roubo do fogo); intrinsecamente, trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação). O trabalho final é o do retorno. Se as forças abençoaram o herói, ele agora retorna sob sua proteção (emissário); se não for esse o caso, ele empreende uma fuga e é perseguido (fuga de transformação, fuga de obstáculos). No limiar de retorno, as forças transcendentais devem ficar para trás; o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A bênção que ele traz consigo restaura o mundo (elixir). (CAMPBELL, 1997, p.136-137)

Por fim, ao tratar da figura do herói, Campbell (1997, p. 21) diz que “o herói do conto de fadas obtém um triunfo microcômico, doméstico, e o herói do mito, um triunfo macrocômico, histórico-universais”. Portanto, o herói do mito tem triunfo – objetivo – universal, enquanto o herói do conto de fadas – e do conto maravilhoso, também abordado nessa análise – tem triunfo microcômico, individual.

O herói do conto maravilhoso

Passemos, então, ao estudo do conto maravilhoso. Para isso, utilizaremos como aporte teórico o texto *Morfologia do conto maravilhoso* (PROPP, 2001).

Por tratar-se de um estudo voltado à constituição morfológica do conto maravilhoso, Propp (2001) não se atém especificamente à figura do herói, apesar de mencioná-la em diversos momentos. Porém, a partir da descrição das funções dos personagens – teoria proposta pelo autor como método de classificação dos contos maravilhosos – podemos determinar um perfil da figura do herói do conto maravilhoso.

O conto maravilhoso [...] começa com certa situação inicial. Enumeram-se os membros de uma família, ou o futuro herói (por exemplo um soldado) é apresentado simplesmente pela menção de seu nome ou indicação de sua situação. (PROPP, 2001, p.19)

Elencaremos as funções dos personagens descritas por Propp (2001) que são diretamente ligadas ao herói. O autor propõe duas séries de funções que podem iniciar o conto maravilhoso:

A) *Um dos Membros da Família Sai de Casa* (o herói); *Impõe-se ao herói uma proibição; A proibição é transgredida; A vítima* (herói) *se deixa enganar; O antagonista causa dano ou prejuízo a um dos membros da família* (do herói);

B) *Falta Alguma Coisa a um Membro da Família; É Divulgada a Notícia do Dano ou da Carência, Faz-se um Pedido ao Herói ou lhe é Dada uma Ordem, Mandam-no Embora ou Deixam-no ir.*

Na primeira modalidade, o herói, segundo Propp (2001, p. 21), “deixa-se persuadir em tudo pelo antagonista”. Na segunda, a função *É Divulgada a Notícia do Dano ou da Carência, Faz-se um Pedido ao Herói ou lhe é Dada uma Ordem, Mandam-no Embora ou Deixam-no ir* é a que introduz o herói no conto. Aqui, o autor afirma, ainda, que existem dois tipos de herói: os *buscadores* ou o *herói-vítima*.

A partida dos heróis-buscadores e a dos heróis-vítimas são também diferentes. Os primeiros têm por finalidade uma busca; os segundos começam sua viagem sem buscas, mas durante essa viagem defrontam-se com uma série de aventuras. (PROPP, 2001, p.25)

Outras funções referentes ao herói mencionadas por Propp (2001) são: *O Herói-Buscador Aceita ou Decide Reagir; O Herói Deixa a Casa; O Herói é Submetido a uma Prova [...] para Receber um Meio ou um Auxiliar Mágico; O Meio Mágico Passa às Mãos do Herói; O Herói é Transportado, Levado ou Conduzido ao Lugar onde se Encontra o Objeto que Procura; O Herói e seu Antagonista se Defrontam em Combate Direto; O Herói é Marcado; Antagonista é Vencido; O Dano Inicial ou a Carência são Reparados; Regresso do Herói; O Herói Sofre Perseguição; O Herói é Salvo da Perseguição.*

Ainda tratando da figura do herói, Propp (2001) afirma que ele tem um auxiliar mágico, que pode tanto ser um ser vivo ou um objeto. Este auxiliar, se representado por um ser mágico, se encarrega de toda a ação e o herói pode parecer ter perdido sua importância. Entretanto, para o

autor, a figura do herói ainda é relevante do ponto de vista morfológico, pois “suas intenções constituem o eixo da narrativa [...] [as intenções] se revelam nas ordens que o protagonista dá a seus auxiliares” (PROPP, 2001, p. 30). Portanto, segundo Propp:

O herói do conto de magia pode ser tanto o personagem que sofre a ação do antagonista-agressor (ou que sofre uma carência) no momento em que se tece a intriga, como também o personagem que aceita reparar a desgraça ou atender às necessidades de outro personagem. No decorrer da ação, o herói é o personagem possuidor de um objeto mágico (ou de um auxiliar mágico), que o utiliza ou que se serve dele. (PROPP, 2001, p.30)

Logo, a partir do exposto, é possível afirmar que o herói do conto maravilhoso, como dito por Campbell (1997), é aquele que alcança um triunfo microcômico, doméstico. Pela análise das funções dos personagens, podemos depreender que o herói é aquele que luta por seus ideais ou, no máximo, pelos ideais de alguém próximo – da família, por exemplo, como mencionado por Propp (2001). Diferentemente do mito, em que o herói defende valores universais, no conto maravilhoso ele é mais individualista e busca triunfo próprio, a realização de seus desejos.

Outro aspecto interessante a ser observado é a função do personagem auxiliador. No mito, o auxiliar exerce função de entregar ao herói um amuleto que o auxiliará em sua trajetória (CAMPBELL, 1997, p. 39) ou, em outros casos, um conselho para sua jornada. No conto maravilhoso, como mostrado anteriormente, o auxiliar tem uma função a mais: se for um objeto, ele auxilia o herói na caminhada, de maneira similar ao mito; se for, entretanto, um ser mágico, ele exerce o papel de encarregado do herói, executando suas ordens, de maneira a assumir, em certos casos, as consequências da ordem do herói – até mesmo morrendo em lugar deste, se preciso for.

Os ritos de iniciação

Eliade (2004) apresenta, em seu livro, diversos exemplos de ritos de iniciação². Para ele, a iniciação é nada mais do que “um conjunto de ritos e ensinamentos orais que visa à modificação radical do estatuto religioso e social do sujeito a iniciar” (ELIADE, 2004, p. 14). Ela é, então, uma modificação da condição existencial de um indivíduo que, ao final do processo, torna-se outro, modificado em relação à sua condição primeira – assim como a jornada do herói proposta por Campbell (1997). A iniciação é, ainda, o meio pelo qual o indivíduo será incluído na sociedade a que faz parte e conhecerá, finalmente, o mundo dos valores espirituais, já que “Qualquer sociedade

² Os termos utilizados a respeito dos ritos de iniciação são de autoria de Eliade (2004) e a linguagem utilizada por ele segue a norma padrão do Português de Portugal.

primitiva possui um conjunto coerente de tradições místicas, uma ‘concepção do mundo’, e é essa concepção que é gradualmente revelada ao noviço durante a iniciação” (ELIADE, 2004, p. 14).

Os ritos de iniciação, de acordo com o historiador de religiões, dividem-se em três grandes categorias: ritos de puberdade, ritos de entrada em uma sociedade secreta e ritos da vocação mística.

Em termos gerais, a história das religiões distingue três grandes categorias – ou tipos – de iniciação. A primeira compreende os rituais coletivos pelos quais se efectua a passagem da infância, ou da adolescência, para a idade adulta, e que são obrigatórias para todos os membros da sociedade. [...] ‘ritos de puberdade’, ‘iniciação tribal’ ou ‘iniciação da classe de idade’. As outras iniciações distinguem-se daquelas da puberdade na medida em que não são obrigatórias para todos [...] e em que a maior parte é praticada individualmente em grupos bastante restritos. A segunda categoria de iniciação compreende [...] ritos de entrada numa sociedade secreta [...] reservadas a um único sexo e são muito ciosas dos respectivos segredos. [...] uma terceira categoria de iniciação: aquela que caracteriza a vocação mística. (ELIADE, 2004, p.22)

Todos estes ritos, porém, passam por um mesmo elemento: a morte iniciática. Eliade (2004, p. 16) propõe que este seria o momento central da cerimônia de iniciação, já que é através dela que o neófito abandona a condição profana, infantil e ignorante e acede ao mundo sagrado, sendo “capaz de assumir plenamente o seu modo de ser” (ELIADE, 2004, p. 24).

Assim, o autor apresenta um esquema fundamental de qualquer iniciação. Este apresenta três aspectos principais: diversas provas físicas – e até psicológicas – conduzidas pelos mestres de iniciação, morte ritual e a ressurreição para um novo modo de ser.

Esquema fundamental de qualquer iniciação: 1) tortura pela mão dos demónios e dos espíritos que desempenham o papel de ‘mestres da iniciação’; 2) morte ritual, experimentada pelo paciente como uma descida aos Infernos (acompanhada por vezes de uma ascensão aos Céus); 3) ressurreição para um novo modo de ser: o de um homem consagrado. (ELIADE, 2004, p.146)

É importante ressaltar ainda que, para Eliade (2004), todo rito de iniciação é permeado pelo caráter religioso/ espiritual. Como o próprio autor afirma, “a iniciação constitui um dos fenómenos espirituais mais significativos da história da humanidade. É um ato que não engloba unicamente a vida religiosa do indivíduo, no sentido moderno do termo ‘religião’ – engloba toda a sua vida” (ELIADE, 2004, p. 23).

Entretanto, Eliade (2004) mostra-nos que a questão da religiosidade e do envolvimento dos ritos de iniciação com entidades divinas é abordada de diferentes maneiras ao longo da história da humanidade. Nas sociedades primitivas e tradicionais, como nos inúmeros exemplos de rituais apresentados pelo autor – não só nos capítulos referentes aos ritos de puberdade, mas também aos ritos de vocação xamânica e, em menor expoente, nas sociedades secretas –, o rito de iniciação tem

como elemento principal a ligação com uma figura divina. Dessa maneira, os ritos, que têm como função apresentar ao iniciado a cultura daquele povo e suas tradições místicas e concepção de mundo, fazem a representação, sejam por meio de histórias orais ou dramatização, das atitudes dessa entidade em relação aos seres humanos no Tempo Primordial, entre outros.

Já para as sociedades modernas, que são constituídas, muitas vezes, por indivíduos “que já não têm uma experiência religiosa propriamente dita, que vivem uma existência dessacralizada num mundo dessacralizado” (ELIADE, 2004, p. 194), a relação com os ritos de iniciação é outra. Contudo, o autor sustenta que os cenários iniciáticos estão “indissolivelmente ligados à própria estrutura da vida espiritual. Como se a iniciação fosse um processo indispensável a qualquer tentativa de regeneração total” (ELIADE, 2004, p. 178) e afirma que “seja qual for o grau de sua dessacralização, todas as cerimônias podem ainda ser consideradas como ritos: elas implicam provas, uma instrução especial e, sobretudo, o segredo” (p. 188).

Ainda a respeito das sociedades modernas e de seus indivíduos, ele sustenta que:

Uma análise atenta dos seus comportamentos, crenças e ideais, poderia destacar toda uma mitologia camuflada e fragmentos de uma religião esquecida ou degradada. Facto que não é surpreendente, pois o homem tomou consciência do seu próprio modo de ser enquanto *homo religiosus*. [...] Mais do que isso: a atividade imaginária e a experiência onírica do homem moderno continuam a estar impregnadas de símbolos, figuras e temas religiosos. Tal como certos psicólogos gostam de repetir: o inconsciente é religioso. Em alguns aspectos poderíamos dizer que, no homem das sociedades dessacralizadas, a religião tornou-se ‘inconsciente’; ela jaz enterrada sob as camadas mais profundas do seu ser; mas não se deve dizer que não continua a preencher uma função essencial na economia da psique. (ELIADE, 2004, p.194)

Assim, para o autor, uma das maneiras pelas quais os ritos iniciáticos ainda sobrevivem é no desejo inconsciente de tais indivíduos, que buscam saciá-lo através da literatura. Para Eliade (2004, p. 192), quando os cenários iniciáticos perderam força – em razão da dessacralização da sociedade –, eles tornaram-se “‘temas literários’, isto é, que entregam agora a sua mensagem espiritual sob um outro plano de experiência humana, dirigindo-se directamente à imaginação”.

Os cenários iniciáticos – mesmo camuflados, como o são nos contos – são a expressão de um psicodrama que responde a uma necessidade profunda do ser humano. Qualquer homem deseja conhecer certas situações perigosas, enfrentar provas excepcionais, aventurar-se no ‘outro mundo’ – e experimenta tudo isso ao nível de sua vida imaginária, a ouvir e a ler contos de falas ou – ao nível da sua existência onírica – a sonhar. (ELIADE, 2004, p.192)

A partir do exposto, passemos à relação entre a figura do herói mitológico e do conto maravilhoso com o herói moderno de *Os Magos* (GROSSMAN, 2011).

O herói em *Os Magos*

As narrativas fantásticas, portanto, convergem em muitos aspectos, enquanto outros são diferenciadores. Para exemplificar a figura do herói utilizaremos o livro *Os Magos* (GROSSMAN, 2011).

O herói de *Os Magos* é Quentin, um adolescente que exemplifica muito bem a segunda sequência de funções dos personagens de Propp (2001) que inicia o conto maravilhoso – *Falta Alguma Coisa a um Membro da Família* [ou herói]. Em *Os Magos*, percebe-se desde o princípio que falta significado à vida de Quentin. O personagem demonstra, em todo momento, estar insatisfeito com sua vida (GROSSMAN, 2011, p. 11-14). Entretanto, a classificação de Quentin como *herói-buscador* ou *herói-vítima*, também proposto por Propp (2001), pode ser problematizada. Inicialmente, temos no protagonista um herói vítima, uma vez que em tudo ele é levado pela situação: ele surge, por acaso, em Brakebills e faz o teste, Penny aparece em sua casa com o botão mágico que leva à Fillory, as aventuras surgem diante do herói. Porém, ao final, quando ele persegue a Criatura Errante por todo o reino de Fillory para conseguir realizar seus desejos (GROSSMAN, 2011, p. 435-440), temos aí um herói buscador.

A “personalidade heroica” de Quentin, ou seja, sua predeterminação e seus dons especiais são mostrados desde o princípio – características inatas e identificadoras do herói, segundo Campbell (1997, p. 21; p. 168). Logo no início da história o narrador informa ao leitor da extrema inteligência do personagem, além de sua habilidade com truques de magia. Além disso, ainda no início da história o herói tem contato com a Paramédica – que depois se revela como uma personagem do reino mágico de Fillory – que, sutilmente, inicia o herói em sua aventura (GROSSMAN, 2011, p. 19-22).

A função de Propp (2001) *O Herói é Submetido a uma Prova [...] para Receber um Meio ou um Auxiliar Mágico* é muito bem exemplificada no momento em que Quentin faz os testes para entrar na faculdade de magia de Brakebills. Este momento é bastante interessante, uma vez que ele não só recebe um meio mágico – o domínio da magia, em si, através dos estudos na faculdade – como também auxiliares mágicos. Os amigos de Quentin são todos magos; quando o grupo chega a Fillory, assim como mencionado por Propp (2001), os auxiliares tomam conta da ação, deixando ao herói o papel de coordenador das ações. Toda a história gira em torno de Quentin e suas aventuras e decisões, mas os auxiliares exercem um enorme papel na proteção e auxílio do herói.

As transformações propostas por Campbell (1997) em relação à purificação do eu e de descobertas sobre si também estão presentes em *Os Magos* (GROSSMAN, 2011). Ao longo da jornada da aventura a personalidade de Quentin é moldada: ele descobre seu potencial mágico

(GROSSMAN, 2011. p. 43) e aprende importantes valores – inclusive respostas ao vazio que sente – através dos auxiliares mágicos, contribuindo para a criação de uma identidade e um significado para a vida do herói. Além disso, ele aprimora sua capacidade mágica, realizando feitiços nunca antes conseguidos – nem por ele, nem por seus amigos (GROSSMAN, 2011).

Quanto ao triunfo macrocômico ou microcômico comentado por Campbell (1997. p. 21), percebe-se que em *Os Magos*, o triunfo é microcômico, como no conto maravilhoso. O herói busca o significado que falta à sua vida, o preenchimento do vazio que sente, e embarca na aventura com este objetivo: o de encontrar o motivo e suprir sua carência – função dos personagens de Propp (2001). Ainda que o herói – e seu sentimento de vazio – seja uma representação do próprio leitor, ele não luta por valores universais, mas em sua própria causa, caracterizando, assim, o triunfo microcômico. Um triunfo macrocômico pode até ser cogitado se levarmos em consideração a vitória do herói e seus amigos sobre a figura do vilão, Martin Chatwin (GROSSMAN, 2011), mas este feito tem maiores resultados na vida do herói no que na situação do reino de Fillory, que estava sob as mãos daquele tirano – o que comprova que o triunfo é essencialmente microcômico.

A seguir, analisaremos os momentos em que temas iniciáticos dos ritos de iniciação propostos por Eliade (2004) se fizeram presentes em *Os Magos* (GROSSMAN, 2011).

Os Magos e a Iniciação

O livro *Os Magos* (GROSSMAN, 2011), produzido no contexto de sociedades modernas propostas por Eliade (2004) – já explicitado anteriormente – retrata justamente as aventuras de Quentin por mundos recheados de elementos sobrenaturais em busca de uma descoberta pessoal: o significado de sua vida, seu lugar no mundo, a razão de sua existência.

Dito isto, analisaremos, então, os temas iniciáticos propostos pelo teórico que se encontram no romance de Grossman (2011).

O primeiro tema proposto por Eliade é a separação da mãe – ou reclusão voluntária –, que “trata-se de uma ruptura, por vezes bastante violenta, com o mundo da infância” (ELIADE, 2004. p. 30). Em *Os Magos* (GROSSMAN, 2011), essa ruptura acontece de maneira bastante característica a universos mágicos: Quentin é aceito na faculdade de magia de Brakebills e, então, passa a morar no campus, afastado de seus pais e proibido de lhes contar a verdade. Brakebills encarrega-se de cuidar dos detalhes para que os pais do adolescente não descubram a verdade sobre os estudos de seu filho. Essa separação, porém, é ainda mais abrangente: ele afasta-se de toda a realidade que o envolvia antes da faculdade – seu mundo “da infância”:

No final, você será um mago, Quentin. [...] Ninguém nunca saberá o que você está fazendo aqui. Você teria de deixar tudo pra trás. Seus amigos, quaisquer outros planos de carreira, tudo. Você perderia um mundo, mas ganharia outro. Brakebills se tornaria o seu mundo. (GROSSMAN, 2011, p.49)

Retomando Eliade (2004, p. 39), “o simbolismo ambivalente da segregação [...] trata-se sempre de uma morte para a condição profana, mas também da transformação em ‘espírito’ e do início de uma nova existência, logo comparável à dos recém-nascidos”. Ou seja, é dado o primeiro passo rumo à iniciação, ao novo modo de ser no mundo. A promessa da transformação é explicitada: “você se tornará um mago, Quentin”, alcançará o “sagrado”.

Outro aspecto que também é visível neste excerto é a questão do segredo, que compõe um dos pilares da definição de um rito (ELIADE, 2004. p. 188). O herói não pode contar aos não iniciados – não magos – nada do que será vivenciado a partir daquele momento, pois lhe serão revelados os mistérios dessa sociedade, que é restrita a um grupo seletivo de pessoas – assim como as sociedades secretas. Segundo o personagem Eliot, a maioria das pessoas não consegue fazer magia porque:

Primeiro, é muito difícil e elas não são inteligentes o bastante. Segundo, é muito difícil, e elas não são obsessivas, nem infelizes o bastante pra se darem a todo o trabalho que alguém precisa ter pra fazer isso direito. Terceiro, elas não têm a orientação nem o acompanhamento oferecido pelo [...] corpo docente da Faculdade Brakebills de Ensino Mágico. Quarto, elas não tem firmeza moral necessária para manipular energias mágicas com a devida responsabilidade. E quinto [...], algumas pessoas têm tudo isso e ainda assim não conseguem. Ninguém sabe o por quê. Elas dizem as palavras certas, mexem os braços e nada acontece. (GROSSMAN, 2011, p.56-57)

O próximo passo da iniciação inclui diversas provas pelas quais o iniciado deve passar a fim de chegar, por fim, a morte iniciática e, então, alcançar o novo modo de ser. As provas, por sua vez, podem ser das mais variadas, tratando-se de ensinamentos orais, dramatização, provas físicas de força, silêncio, limitação visual e até mesmo torturas, dependendo da cultura de determinado povo. Segundo o historiador de religiões,

As diversas provas físicas também têm portanto um significado espiritual. O neófito é ao mesmo tempo preparado para as responsabilidades da vida adulta e progressivamente despertado para a vida do espírito. Isto porque as provas e as restrições acompanham a instrução através dos mitos, das danças e das pantomimas. As provas físicas perseguem um objetivo espiritual: introduzir a criança à cultura, torná-la ‘aberta’ aos valores do espírito. (ELIADE, 2004, p.40)

Neste sentido, podemos considerar que todos os ensinamentos recebidos por Quentin durante sua estadia em Brakebills constituem algumas das diversas provas pelas quais o iniciado passa: logo no primeiro ano, uma professora propõe avançar o protagonista para o segundo ano no semestre seguinte, mediante uma prova e uma rotina de estudos acirrada (GROSSMAN, 2011;

Quentin também entra em contato com a Criatura; ele passa por duas transformações em animais – ganso e raposa – viaja para o extremo sul do planeta Terra e lá aprende técnicas diferentes de magia, etc.

Ainda em relação às provas que simbolizam o processo de morte iniciática, podemos acrescentar características específicas das iniciações heroicas. Neste cenário, “se acentua a vitória obtida por meios mágicos” (ELIADE, 2004, p. 197) e a característica presente em *Os Magos* (GROSSMAN, 2011) é o *descensus ad inferos* (ELIADE, 2004, p. 97), em que o herói deve “descer vivo aos Infernos, enfrentar os monstros e demônios infernais, e passar por uma prova iniciática” (ELIADE, 2004, p. 98). Segundo Eliade (2004), essa descida aos Infernos – ou Outro Mundo – pode se dar em razão de uma conquista de imortalidade corporal ou de obter sabedoria e conhecimentos secretos (p. 100) e, então, “o Outro Mundo [...] já não significa apenas o país dos mortos, mas também todo o reino encantado e milagroso, e, por extensão, o mundo divino bem como o plano transcendente” (p. 103).

A ida ao Outro Mundo pode ser vista de maneira bastante literal em *Os Magos* (GROSSMAN, 2011). Ao descobrir a existência do mundo encantado de Fillory – que os personagens até então só conheciam através de uma série de romances lidos em sua infância –, Quentin e seus amigos embarcam em uma aventura ao reino encantado que ele acredita ser a solução de seus problemas (GROSSMAN, 2011. p. 301). Lá, entretanto, o herói e seus amigos passam por provas e, ao final, devem derrotar A Criatura (GROSSMAN, 2011. Ao final das provas, o herói renasce e volta para seu mundo transformado, dominando ainda mais as técnicas mágicas e, ao fim, alcançando o “seu sagrado”: ele se torna um dos reis de Fillory (GROSSMAN, 2011. p. 455).

Por fim, outro aspecto a ser estudado é relacionado às iniciações xamânicas. Para Eliade (2004, p. 112), “o xamã é por excelência o homem dotado de poderes extraordinários, [...] o especialista do sagrado” e, portanto, é aquele que mexe com poderes mágico-religiosos, por vezes referidos como “calor mágico”. Ora, para o autor, “a obtenção do ‘calor mágico’ demonstra de um modo brilhante que pertencemos a partir de agora a um mundo não-humano” (ELIADE, 2004, p. 141), sagrado. Portanto, todo o processo de aprendizado da magia de Quentin, protagonista de Grossman (2011), é também parte crucial do processo de iniciação ao qual ele é submetido.

Conclusões

Assim, percebe-se que ao longo do tempo, as narrativas mitológicas e maravilhosas tomaram caminhos um pouco diferentes quanto ao papel do herói. Sua maneira de agir muda, e

seus valores também. Onde antes havia um herói universal preocupado em defender valores e encontrar soluções referentes a uma determinada sociedade, agora vemos um herói preocupado com seus próprios interesses e ideias. Onde antes víamos um herói solitário que trilhava seu caminho de provas em busca desses valores, agora vemos um herói frequentemente auxiliado por indivíduos com ideias semelhantes ou um extremo senso de servidão. A figura do herói, contudo, permanece a peça central da narrativa, sendo seu caminho trilhado, suas provas e suas vitórias os elementos base da narrativa maravilhosa. Aqui, então, vê-se como a noção de ritos de iniciação está imbuída nesta narrativa, já que estes são justamente uma série de provas e ensinamentos que levarão o herói/iniciado a um novo modo de ser, um novo pensamento e um novo estado de espírito – suas vitórias.

Portanto, percebe-se que características da narrativa mitológica e do conto maravilhoso ainda se fazem presentes nos textos fantásticos contemporâneos. A predominância do conto maravilhoso se dá, principalmente, por uma maior aproximação ideológica e temporal com a narrativa fantástica ao invés dos mitos, mas estes ainda colaboram com elementos básicos que constroem o fantástico atual. Entre eles, é possível citar a grande influência dos temas dos ritos de iniciação na narrativa fantástica é a própria noção, proposta por Eliade (2004) de que o homem é, em si, religioso, no sentido em que busca por algo maior a si, algo que explique sua condição e lhe possibilite a ascensão a um estágio mais elevado, de domínio e conhecimento.

Percebe-se, na verdade, que esses padrões de mitológico e conto maravilhoso misturam-se para formar um herói multifacetado, que busca a glória pelo auxílio aos necessitados, mas é movido por anseios próprios. Há, na narrativa contemporânea, um herói que segue seus próprios padrões e aflora suas características de acordo com as necessidades que surgem no desenvolver da ação. Não é mais possível padronizá-lo – ou até mesmo padronizar a narrativa em que ele se encontra –, alguns elementos são corriqueiros, mas há uma tendência a surpreender-se quanto ao caráter ou as atitudes do herói. Aí reside o apelo ao público e o encanto da análise – ou, como afirma Eliade (2004), o retrato do desejo inconsciente dos indivíduos de ser exposto ao desconhecido – e vencê-lo – que é saciado através da literatura.

Referências

- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*, 1997. Disponível em: <<https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-o-heroi-de-mil-faces-rev.pdf>>. Acesso em: 14 Abr 2016.
- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. 2001. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/6378742/vladimir-propp---morfologia-do-conto-maravilhoso>>. Acesso em: 22 Jan 2016.
- ELIADE, Mircea. *Ritos de Iniciação e Sociedades Secretas*. Tradução de Isabel Debot. Lisboa (Portugal), Ed ÉSQUILO edições e multimídia lda, 2004.

- GROSSMAN, L. *Os Magos*. Tradução de Otávio Albuquerque. Barueri (SP), Manole Ltda, 2011.
- GROSSMAN, L. *O Rei Mago*. Tradução de Otávio Albuquerque. Barueri (SP), Manole Ltda, 2012.
- GROSSMAN, L. *The Magician's Land*. New York City (NY), Penguin Books, 2014.

Chegou em: 04-02-2017

Aceito em: 18-03-2017